

O PENSAMENTO HÉTERO¹

NOS ÚLTIMOS ANOS, EM PARIS, a linguagem como fenômeno dominou os sistemas teóricos modernos e as ciências sociais e adentrou as discussões políticas dos movimentos de libertação de lésbicas e mulheres. Isso ocorreu porque a linguagem está ligada a um importante campo político em que o que está em jogo é o poder, ou, mais do que isso, uma rede de poderes, já que há uma multiplicidade de linguagens que atua constantemente sobre a realidade social. A importância da linguagem em si como problema político só apareceu recentemente.² Mas o imenso desenvolvimento da linguística, a multiplicação das escolas de linguística, o advento das ciências da comunicação e o rigor técnico das metalinguagens que essas ciências utilizam representam os sintomas da importância dessa questão política. A ciência da linguagem invadiu

¹ Este texto foi lido pela primeira vez em Nova York, na convenção da Modern Language Association, em 1978, e dedicado às lésbicas norte-americanas. [Publicado pela primeira vez na revista *Feminist Issues*, v. 1, n. 1, 1980. (N.E.)]

² No entanto, os gregos clássicos sabiam que não havia poder político sem o domínio da arte da retórica, especialmente em uma democracia.

outras ciências, como a antropologia, por meio de Lévi-Strauss, a psicanálise, por meio de Lacan, e todas as disciplinas que se desenvolveram com base no estruturalismo.

Em sua fase inicial, a semiologia de Roland Barthes quase escapou da dominação linguística para se tornar uma análise política dos diferentes sistemas de signos, para estabelecer uma relação entre este ou aquele sistema de signos – por exemplo, os mitos da pequena burguesia – e a luta de classes dentro do capitalismo que esse sistema tende a ocultar. Seria uma salvação, pois a semiologia política é uma arma (um método) necessária para analisar o que se chama de ideologia. Mas o milagre durou pouco. Em vez de introduzir na semiologia conceitos que são exteriores a ela – nesse caso, conceitos marxistas –, Barthes logo declarou que a semiologia era somente um ramo da linguística, e que a linguagem era seu único objeto.

Consequentemente, o mundo inteiro não passa de um grande arquivo em que se inscrevem as linguagens mais diversas, tais como a linguagem do Inconsciente,³ a linguagem da moda, a linguagem da troca de mulheres,⁴ em que os seres humanos são literalmente os signos da comunicação. Essas linguagens, ou melhor, esses discursos, encaixam-se uns nos outros, interpenetram-se, apoiam-se, reforçam-se, engendram a si mesmos e aos outros. A linguística engendra a semiologia e a linguística estrutural, a linguística estrutural engendra o estruturalismo, que, por sua vez, engendra o Inconsciente Estrutural. O conjunto desses

³ Durante todo o ensaio, ao me referir ao “Inconsciente” de Lacan, usarei o termo com inicial maiúscula, como fazia o autor.

⁴ Uso de mulheres como moeda de troca, segundo Lévi-Strauss, elemento fundamental para o funcionamento da sociedade. Consiste no tratamento patriarcal da mulher como propriedade, dada a outros homens (especialmente em matrimônio) com o objetivo de consolidar alianças. Ver mais a este respeito em “Do contrato social”. (N.E.)

discursos gera uma interferência que confunde os oprimidos, que os faz perder de vista a causa material de sua opressão e os lança numa espécie de vácuo a-histórico.

Pois eles produzem uma leitura científica da realidade social em que seres humanos são dados como invariantes, intocados pela história e não trabalhados pelos conflitos de classe, com psiques que são idênticas por terem sido geneticamente programadas. Essa psique, igualmente intocada pela história e não trabalhada por conflitos de classe, fornece aos especialistas, desde o início do século XX, todo um arsenal de invariantes: linguagem simbólica que funciona, muito vantajosamente, com pouquíssimos elementos, já que, assim como dígitos (0-9), os símbolos produzidos “inconscientemente” pela psique não são muito numerosos. Portanto, é muito simples impor esses símbolos ao inconsciente coletivo e individual por meio de terapia e teorização. Aprendemos que o Inconsciente tem o extremo bom gosto de se estruturar a partir de metáforas, como o nome-do-pai, o complexo de Édipo, a castração, o assassinato-ou-morte-do-pai, a troca de mulheres, etc. No entanto, se o Inconsciente é fácil de controlar, não o é por qualquer pessoa. Semelhantemente a revelações místicas, a aparição de símbolos na psique exige múltiplas interpretações. Somente especialistas conseguem decifrar o Inconsciente. Somente eles, os psicanalistas, têm permissão (autorização?) para organizar e interpretar manifestações psíquicas que revelarão o símbolo em seu significado pleno. E, embora a linguagem simbólica seja extremamente pobre e essencialmente lacunar, as linguagens ou metalinguagens que a interpretam estão se desenvolvendo, cada uma delas, com uma riqueza e uma ostentação equiparáveis apenas às da exegese teológica da Bíblia.

Quem deu aos psicanalistas seu conhecimento? Por exemplo, para Lacan, tanto o que ele chama de “discurso psicanalítico” quanto a “experiência analítica” lhe “ensinam” o que ele já sabe.

E cada um lhe ensina o que o outro ensinou. Todavia, é possível negar que Lacan tenha descoberto cientificamente, por meio da “experiência analítica” (um experimento, de alguma maneira), as estruturas do Inconsciente? Seremos irresponsáveis a ponto de desprezar o discurso das pessoas analisadas que se deitam nos divãs? Em minha opinião, não há dúvida de que Lacan tenha encontrado no Inconsciente as estruturas que ele disse ter encontrado – afinal, ele mesmo as havia colocado ali antes. As pessoas que não incorreram nos poderes da instituição psicanalítica podem vivenciar um sentimento incomensurável de tristeza diante do grau de opressão (ou manipulação) demonstrado pelos discursos psicanalisados. Na experiência analítica, há uma pessoa oprimida, o analisado, cuja necessidade de comunicação é explorada e que (assim como as bruxas podiam, sob tortura, simplesmente repetir a linguagem que os inquisidores queriam ouvir) não tem escolha (se não quiser romper o contrato implícito que lhe permite se comunicar e do qual necessita) além de tentar dizer o que deve dizer. Dizem que isso pode durar uma vida inteira – um contrato cruel que constrange um ser humano a expor sua angústia a um opressor que é diretamente responsável por ela, que o explora econômica, política e ideologicamente e cuja interpretação reduz essa angústia a algumas figuras de linguagem.

Mas será que essa necessidade de comunicação que o contrato subentende só pode ser satisfeita por meio da situação psicanalítica, pela cura ou pela “experimentação”? Se acreditarmos nos depoimentos⁵ recentes de lésbicas, feministas e homens gays, a resposta é não. Todos os seus depoimentos enfatizam a importância política da impossibilidade que lésbicas, feministas e homens gays enfrentam para se comunicar na sociedade heteronormativa,

⁵ Ver, por exemplo, JAY, Karla; YOUNG, Allen (Ed.). *Out of the Closets*. New York: Links Books, 1972.

exceto com um psicanalista. Quando se compreende a conjuntura geral (não temos doença alguma nem nada para ser curado, o que temos é um inimigo), o resultado é que a pessoa oprimida quebra o contrato psicanalítico. Isso é o que aparece nos depoimentos, junto com a lição de que o contrato psicanalítico não era um contrato consensual, mas sim um contrato forçado.

Os discursos que oprimem particularmente a todos nós, lésbicas, mulheres e homens homossexuais, são os que pressupõem que o fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade.⁶ Esses discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade em um campo apolítico, como se todos os signos desse campo pudessem escapar do político neste momento da história e como se, no que diz respeito a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Esses discursos de heterossexualidade nos oprimem uma vez que nos impedem de falar a não ser que falemos nos termos deles. Tudo que os coloca em questão é imediatamente tido como rudimentar. Nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz os teóricos dizerem que negligenciamos a dimensão simbólica. Esses discursos nos negam todas as possibilidades de criar nossas próprias categorias. Mas sua ação mais feroz é a tirania impiedosa que exercem sobre nossa pessoa, em termos tanto físicos quanto mentais.

Quando usamos “ideologia”, termo para lá de generalizador, para designar todos os discursos do grupo dominante, relegamos esses discursos ao domínio das Ideias Irreais; esquecemo-nos da violência material (física) que eles exercem diretamente sobre os oprimidos, uma violência produzida pelos discursos abstratos e “científicos”, assim como pelos discursos da mídia de massa. Insisto nessa opressão material dos indivíduos pelos discursos e

⁶ A palavra “heterossexualidade” aparece pela primeira vez na língua francesa em 1911.

gostaria de sublinhar seus efeitos imediatos tomando o exemplo da pornografia.

Imagens, filmes, fotos de revista, cartazes publicitários nos muros das cidades com conteúdo pornográfico constituem um discurso, e esse discurso cobre nosso mundo com seus signos, e esse discurso tem um fundamento: ele significa que as mulheres são dominadas. Os semiólogos podem interpretar o sistema com esse discurso, podem descrever sua disposição. O que eles leem nesse discurso são signos cuja função não é significar e que não têm nenhuma *raison d'être*⁷ exceto a de serem elementos de certo sistema ou disposição. Mas, para nós, esse discurso não está separado do real como está para os semiólogos. Além de manter relações muito próximas com a realidade social que é a nossa opressão (econômica e política), esse discurso é em si real, pois é um dos aspectos da opressão, já que exerce um poder preciso sobre nós. O discurso pornográfico é uma das estratégias de violência exercidas sobre nós: ele humilha, degrada, é um crime contra nossa "humanidade". Como tática de assédio, ele tem outra função, a de aviso. Ele nos manda manter a compostura e polícia quem tende a se esquecer de seu lugar; ele apela ao medo. Esses mesmos especialistas em semiótica mencionados anteriormente nos repreendem por confundir, quando nos manifestamos contra a pornografia, os discursos com a realidade. Eles não veem que esse discurso é a realidade para nós, uma das facetas da realidade de nossa opressão. Eles acreditam que nos equivocamos em nosso nível de análise.

Escolhi a pornografia como exemplo porque seu discurso é o mais sintomático e o mais demonstrativo da violência exercida contra nós por meio de discursos, assim como na sociedade em geral. Esse poder das ciências e das teorias de atuar material e

⁷ Em francês no original: "razão de ser", "propósito". (N.E.)

efetivamente sobre nosso corpo e nossa mente não tem nada de abstrato, ainda que o discurso que o produz seja abstrato. Sua própria expressão é uma das formas de dominação. Eu diria, em vez disso, que é um de seus exercícios. Todos os oprimidos conhecem esse poder e tiveram de lidar com ele. É aquele que diz: você não tem o direito à fala porque seu discurso não é científico nem teórico, você está no nível de análise errado, você está confundindo discurso e realidade, seu discurso é ingênuo, você entendeu errado esta ou aquela ciência.

Se o discurso dos sistemas teóricos modernos e das ciências sociais exerce um poder sobre nós, é porque ele trabalha com conceitos que nos tocam de perto. Apesar do advento histórico dos movimentos de libertação de lésbicas, feministas e gays, cujas articulações já conseguiram abalar as categorias filosóficas e políticas dos discursos das ciências sociais, suas categorias (dessa forma, brutalmente postas em questão) ainda são utilizadas sem questionamento pela ciência contemporânea. Elas funcionam como conceitos primitivos de um conglomerado de todo tipo de disciplinas, teorias e ideias atuais, ao qual chamarei de pensamento hétero⁸ (ver *O pensamento selvagem*, de Claude Lévi-Strauss). Elas dizem respeito a “mulher”, “homem”, “sexo”, “diferença” e toda a série de conceitos que leva essa marca, incluindo “história”, “cultura” e “real”. E, por mais que se admita nos últimos anos que não existe natureza, que tudo é cultura,

⁸ O livro foi publicado em inglês como *The Straight Mind* e em francês como *La Pensée straight*. Ambos os títulos ecoam, como diz a autora, *O pensamento selvagem*, de Lévi-Strauss. A preservação de “straight” no título em francês traz à tona a ligação de Monique Wittig com os estudos norte-americanos sobre gênero na época. Importante ressaltar que “straight” designa, entre outras coisas, o que é reto, padrão, direito, convencional, que segue determinada ordem e que faz parte do tradicional. (N.E.)

permanece dentro dessa cultura uma essência de natureza que resiste quando é posta à prova, uma relação excluída do social na análise – uma relação cuja característica é a inevitabilidade na cultura, assim como na natureza: a relação heterossexual. Vou chamá-la de relação social obrigatória entre “homem” e “mulher” (aqui me refiro a Ti-Grace Atkinson e sua análise da relação sexual como instituição⁹). Por seu caráter irrefutável, como conhecimento, como princípio óbvio, como um dado anterior a qualquer ciência, o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo. Só tenho a sublinhar o caráter opressor de que o pensamento hétero se reveste em sua tendência de universalizar imediatamente sua produção de conceitos e torná-los leis gerais que seriam verdadeiras para todas as sociedades, todas as épocas, todos os indivíduos. Desse modo, menciona-se a troca de mulheres, a diferença entre os sexos, a ordem simbólica, o Inconsciente, Desejo, *Jouissance*,¹⁰ Cultura, História, dando sentido absoluto a esses conceitos, quando são apenas categorias fundadas na heterossexualidade, ou pensamento que produz as diferenças entre os sexos como dogma político e filosófico.

A consequência dessa tendência à universalidade é que o pensamento hétero não consegue conceber uma cultura, uma sociedade em que a heterossexualidade não ordene não só todas as relações humanas, mas também sua própria produção de conceitos e todos os processos que fogem do consciente. Além disso, esses processos inconscientes se tornam, historicamente, cada vez mais imperativos naquilo que nos ensinam sobre nós

⁹ ATKINSON, Ti-Grace. *Amazon Odyssey*. New York: Links Books, 1974. p. 13-23.

¹⁰ Em francês no original: “Gozo”, “Prazer”. (N.E.)

mesmas po
cuja seduç
mistério, o
o caráter

Ness
tituições
constitui
lidade, já
constitui
a constit
coerênci
sociedad
embora
pelo pe
do que

Si
rente/c
simbó
necess
glome
hétero
socie
lésbic
outro
todo
a dif
men
com
soci

¹¹ F
le

mesmas por meio dos especialistas. A retórica que os expressa (e cuja sedução eu não subestimo) se reveste de mitos, recorre ao mistério, opera acumulando metáforas, e sua função é poetizar o caráter obrigatório do “serás-hétero-ou-não-serás”.

Nesse pensamento, rejeitar a obrigação do coito e as instituições que essa obrigação produziu como necessárias para a constituição de uma sociedade é simplesmente uma impossibilidade, já que fazer isso significaria rejeitar a possibilidade da constituição do outro, e rejeitar a “ordem simbólica” impossibilita a constituição do significado, sem o qual ninguém mantém uma coerência interna. Assim, o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que formamos não podem ser pensadas ou discutidas, embora tenham sempre existido. Dessa forma, quando pensada pelo pensamento hétero, a homossexualidade não é nada mais do que heterossexualidade.

Sim, a sociedade hétero é baseada na necessidade do diferente/outro em todos os níveis. Ela não funciona econômica, simbólica, linguística ou politicamente sem esse conceito. Essa necessidade do diferente/outro é ontológica para todo o conglomerado de ciências e disciplinas que chamo de pensamento hétero. Mas o que é o diferente/outro senão o dominado? Pois a sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime somente lésbicas e homens gays, mas também oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todos os que estão em posição de serem dominados. Constituir a diferença e controlá-la é um “ato de poder, já que é essencialmente um ato normativo. Todo mundo tenta mostrar o outro como diferente. Mas nem todo mundo consegue. É preciso ser socialmente dominante para isso”.¹¹

¹¹ FAUGERON, Claude; ROBERT, Philippe. *La Justice et son public et les représentations sociales du système pénal*. Paris: Masson, 1978.

Por exemplo, o conceito de diferença entre os sexos constitui ontologicamente as mulheres em diferentes/outros. Os homens não são diferentes, tampouco os brancos e os senhores. Diferentes são os negros e os escravos. Essa característica ontológica da diferença entre os sexos afeta todos os conceitos que fazem parte do mesmo conglomerado. Mas, para nós, não há ser-mulher ou ser-homem. "Homem" e "mulher" são conceitos políticos de oposição, e a cópula que os une dialeticamente é a mesma que os elimina.¹² É o conflito de classe entre homens e mulheres que vai abolir os homens e as mulheres.¹³ O conceito de diferença não tem nada de ontológico. Ele é apenas o modo como os senhores interpretam uma situação histórica de dominação. A função da diferença é mascarar, em todos os níveis, os conflitos de interesse, inclusive os ideológicos.

Em outras palavras, para nós, isso significa que não pode mais haver mulheres e homens, e que, como classes e categorias de pensamento ou linguagem, elas têm de desaparecer política, econômica e ideologicamente. Se nós, lésbicas e gays, continuamos a falar de nós e a nos conceber como mulheres e homens, contribuímos para a manutenção da heterossexualidade. Tenho certeza de que uma transformação econômica e política não vai desdramatizar essas categorias de linguagem. É possível redimir a palavra "escravo"? E "nigger", "negress"? No que "mulher"

¹² Para a definição de "sexo social", ver MATHIEU, Nicole-Claude. Notes pour une définition sociologique des catégories de sexe. *Epistémologie Sociologique*, n. 11, 1971. Traduzido para o inglês como "Ignored by Some, Denied by Others: The Social Sex Category in Sociology" (panfleto) e publicado em *Explorations in Feminism 2*. London: Women's Research and Resources Centre Publications, 1977. p. 16-37.

¹³ Assim como em todas as outras lutas de classe, a luta cujo objetivo é fazer com que as categorias de oposição desapareçam acaba por "conciliá-las".

seria diferente? Vamos continuar a escrever "branco", "senhor", "homem"? A transformação das relações econômicas não será suficiente. Temos de produzir uma transformação política dos conceitos centrais, quer dizer, dos conceitos que nos são estratégicos. Pois há outra ordem de materialidade, a da linguagem, e a linguagem é trabalhada internamente por esses conceitos estratégicos. Ela é, ao mesmo tempo, ligada intimamente ao campo político, no qual tudo o que tem a ver com linguagem, ciência e pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade, e à sua relação com a sociedade. Não podemos deixar que isso fique nas mãos do pensamento hétero ou do pensamento de dominação.

Se entre todas as produções do pensamento hétero eu questiono especialmente os modelos do Inconsciente Estrutural, isso ocorre porque: no momento histórico em que a dominação de grupos sociais não pode mais se apresentar como uma necessidade lógica aos dominados – porque eles se revoltam, porque questionam as diferenças –, Lévi-Strauss, Lacan e seus epígonos apelam a necessidades que escapam ao controle da consciência e, portanto, à responsabilidade dos indivíduos.

Eles apelam a processos inconscientes, por exemplo, que exigem a troca de mulheres como condição necessária para todas as sociedades. É isso que o inconsciente nos diz com autoridade, segundo eles, e disso depende a ordem simbólica, sem a qual não há significado, não há linguagem, não há sociedade. Mas o que significa as mulheres serem trocadas, senão o fato de que são dominadas? Não surpreende que exista somente um Inconsciente e que ele seja heterossexual. Um Inconsciente que zela com consciência demais pelos interesses dos senhores¹⁴ em que habita para que eles sejam destituídos tão facilmente de seus conceitos.

¹⁴ Será que os milhões de dólares que os psicanalistas ganham por ano são simbólicos?

Além do mais, nega-se a dominação; não há escravidão de mulheres, não há diferença. A isso respondo com esta declaração feita publicamente por um camponês romeno em 1848: "Por que os senhores dizem que não foi escravidão se sabemos que foi escravidão essa dor que nos dói?". Sim, nós sabemos, e esse conhecimento da opressão não pode ser subtraído de nós.

É a partir daí que temos de rastrear a obviedade heterossexual e (parafraçando o primeiro Roland Barthes) não tolerar "ver Natureza e História a todo momento confundidas".¹⁵ Temos de deixar brutalmente em evidência que a psicanálise depois de Freud, e em particular, depois de Lacan, transformou, de modo rigoroso, seus conceitos em mitos – Diferença, Desejo, Nome-do-Pai, etc. Eles "hipermitificaram" os mitos, uma operação necessária para heterossexualizar sistematicamente aquela dimensão pessoal que de repente emergiu no campo histórico por meio dos indivíduos dominados, em especial por meio das mulheres, que começaram sua luta há quase dois séculos. E isso foi feito sistematicamente, em um concerto de interdisciplinaridade, de modo algum tão harmonioso quanto quando os mitos heterossexuais começaram a circular com facilidade de um sistema formal a outro, como valores garantidos que podem ser empregados tanto na antropologia quanto na psicanálise e em todas as ciências sociais.

Esse conjunto de mitos heterossexuais é um sistema de signos que usa figuras de linguagem e por isso pode ser estudado politicamente a partir da ciência de nossa opressão; "pois-sabemos-que-foi-escravidão" é a dinâmica que introduz a diacronia da história no discurso fixo de essências eternas. Esse empreendimento

¹⁵ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. p. 11.

deveria de alguma maneira ser uma semiologia política, embora com “essa dor que nos dói” estejamos trabalhando também no nível da linguagem/manifesto, da linguagem/ação, aquela que transforma, aquela que faz história.

Enquanto isso, graças à nossa ação e à nossa linguagem, há mudanças ocorrendo nos sistemas que pareciam tão eternos e universais que se podiam extrair leis a partir deles – leis que podiam ser introjetadas em computadores e, em todo caso, por ora, também na máquina inconsciente. Um modelo como a troca de mulheres, por exemplo, engole a história de forma tão violenta e brutal que todo o sistema, que parecia ser formal, entra em colapso e se torna outra dimensão do conhecimento. Essa dimensão da história pertence a nós, já que de certa forma fomos designadas a ela; e já que – como afirmou Lévi-Strauss – falamos, digamos que rompemos o contrato heterossexual.

Então, isso é o que as lésbicas dizem em toda parte neste e noutros países, quando não com teorias, pelo menos por meio de sua prática social, cujas repercussões na cultura hétero e na sociedade ainda não podemos vislumbrar. Um antropólogo diria que teremos de esperar 50 anos. Sim, se a ideia for universalizar o funcionamento dessas sociedades e fazer suas invariantes aparecerem. Enquanto isso, os conceitos hétero são minados. O que é a mulher? Pânico, alarme geral de defesa ativa. Francamente, esse é um problema que as lésbicas não têm, graças a uma mudança de perspectiva, e seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois “a mulher” só tem significado nos sistemas heterossexuais de pensamento e nos sistemas econômicos heterossexuais. Lésbicas não são mulheres.